

Em Angola, a maioria dos residentes rurais está privada do acesso à rede eléctrica

Afrobarometer Edição n.º 664 | Asafika Mpako e Carlos Pacatolo

Resumo

No seu Plano de Acção para o Sector Eléctrico, o governo angolano apresenta uma estratégia para atingir uma taxa de electrificação de 60% até 2025, de uma taxa de 47% em 2020 (República de Angola, 2016; Silva, 2021; Banco Mundial, 2020). A concretização dessa estratégia exigirá grandes avanços nas áreas rurais, onde a electrificação é estimada em menos de 10% (International Trade Administration, 2022; Pugliese, 2022).

A promoção da electrificação rural é indispensável para o desenvolvimento socioeconómico de um país e é destacada no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável n.º 7: “garantir o acesso à energia acessível, confiável, sustentável e moderna para todos” até 2030 (Nações Unidas, 2022). Ao facilitar a produção agrícola eficiente, aumentar o emprego e a renda, melhorar os resultados educacionais e de saúde e cozinhar de forma mais limpa, o acesso a energia confiável demonstrou melhorar significativamente o bem-estar das comunidades rurais (Garrigou, 2017; Grivas, 2021).

A pesquisa recente do Afrobarometer oferece um retrato sobre o acesso à electricidade em Angola. Os resultados mostram que, enquanto cerca de dois terços dos Angolanos vivem em zonas servidas pela rede eléctrica, menos da metade desfrutam de um fornecimento confiável de electricidade, incluindo apenas um em cada 20 residentes rurais.

A electricidade ocupa o sexto lugar na lista de problemas que os Angolanos querem que o seu governo resolva, mas a maioria dos cidadãos diz que o governo está a ter um fraco desempenho nesta prioridade.

Inquérito do Afrobarometer

Afrobarometer é uma rede de pesquisa pan-africana e apartidária, que fornece dados confiáveis sobre experiências africanas e avaliações de democracia, governança e qualidade de vida. Oito rondas de pesquisas foram concluídas em 39 países desde 1999. As pesquisas da Ronda 9 estão em fase de conclusão em 2023. O Afrobarometer realiza entrevistas face-a-face na língua da escolha do entrevistado, com uma amostra nacional representativa.

A equipa do Afrobarometer em Angola, liderada pela Ovulongwa – Estudos de Opinião Pública, entrevistou 1.200 Angolanos adultos entre 9 de Fevereiro e 8 de Março de 2022. Uma amostra deste tamanho produz resultados nacionais com uma margem de erro de +/- 3 pontos percentuais e um nível de confiança de 95%. A pesquisa anterior em Angola foi realizada em 2019.

Principais conclusões

- Cerca de dois terços (65%) dos Angolanos vivem em zonas servidas pela rede eléctrica nacional, mais 4 pontos percentuais desde 2019 (61%).

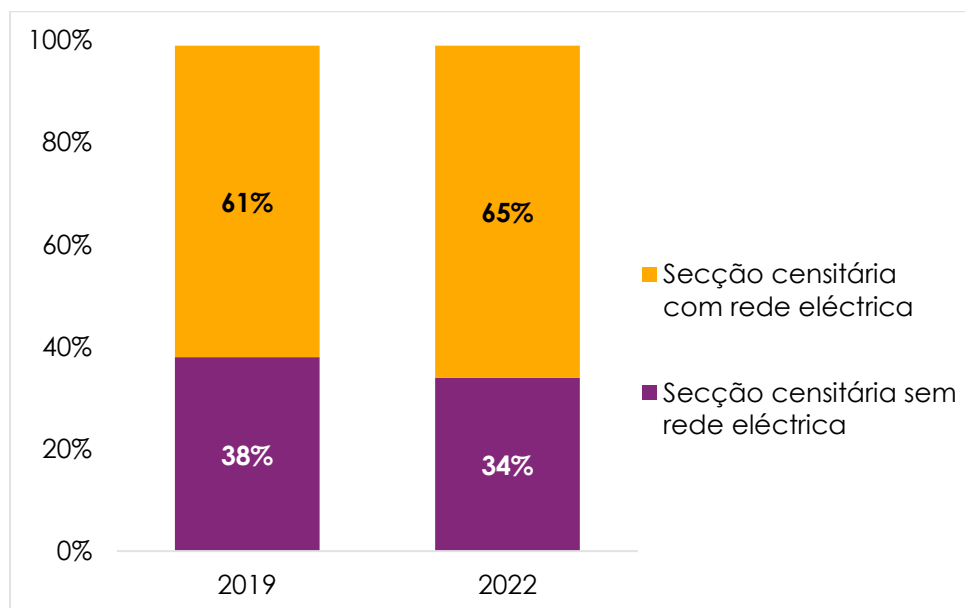
- Mas apenas 14% dos residentes rurais residem em zonas cobertas pela rede eléctrica, em comparação com 92% dos residentes urbanos. Os cidadãos mais educados e economicamente mais favorecidos também têm muito mais probabilidade de viver em zonas ligadas à rede eléctrica do que aqueles com menos escolaridade e condição económica mais desfavorecida.
- Cerca de seis em cada 10 Angolanos (59%) vivem em agregados familiares com ligação à rede eléctrica nacional.
- Entre os que estão ligados à rede, 78% dizem que a sua electricidade funciona “a maior parte do tempo” ou “o tempo todo.”
- A combinação das taxas de ligação à rede eléctrica e a sua confiabilidade mostra que menos de metade (47%) de todos os Angolanos usufruem de um fornecimento confiável de electricidade, incluindo apenas 6% dos residentes rurais e 28% dos cidadãos em situação de pobreza extrema.
- A electricidade ocupa o sexto lugar entre os problemas mais importantes que os Angolanos querem que o seu governo resolva.
- Dois terços (66%) dos cidadãos dizem que o governo está a prestar um mau serviço no fornecimento de energia eléctrica confiável. Essa avaliação é particularmente difundida entre os residentes rurais (83%), os sem instrução (79%) e os pobres (74%).

O acesso à rede eléctrica

Para a maioria das famílias, ter acesso à rede eléctrica permanecerá um pré-requisito para obter energia até que os recursos alternativos de energia se tornem mais amplamente disponíveis.

De acordo com o inquérito de 2022 do Afrobarometer em Angola, cerca de dois terços (65%) dos cidadãos vivem em zonas com ligação à rede eléctrica, um aumento de 4 pontos percentuais face ao inquérito anterior de 2019 (61%) (Figura 1).

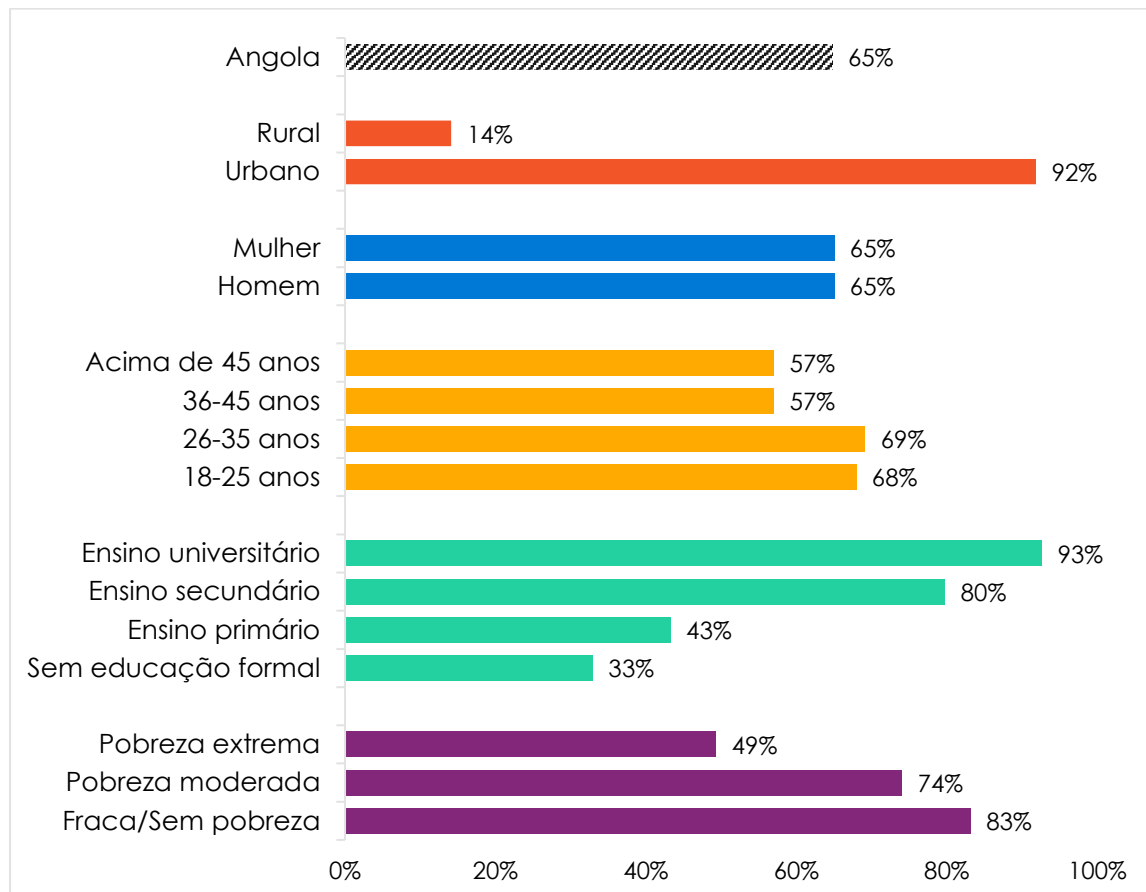
Figura 1: Presença de rede eléctrica | Angola | 2019-2022



Os inquiridores foram orientados a registar: Os seguintes serviços estão disponíveis na secção censitária: disponibilidade de rede eléctrica que a maioria das casas pode ter acesso?

Mas a presença da rede eléctrica é muito mais limitada nas áreas rurais: apenas 14% dos residentes rurais vivem em zonas com acesso à rede eléctrica. Em contraste, os residentes em áreas urbanas (92%) têm seis vezes mais chances de morar em zonas com acesso à rede eléctrica (Figura 2). Os cidadãos economicamente abastados (83%), os que têm pelo menos o ensino secundário (80%-93%) e os jovens (68%-69% dos 18-35 anos) têm maior probabilidade de viver em zonas servidas por uma rede eléctrica do que os seus homólogos mais pobres (49%), os menos educados (33%-43%) e os mais velhos (57% das pessoas com 36 anos ou mais).¹

Figura 2: Presença de rede eléctrica | por grupos demográficos | Angola | 2022



Os inquiridores foram orientados a registar: Os seguintes serviços estão disponíveis na secção censitária: disponibilidade de rede eléctrica que a maioria das casas pode ter acesso? (% "sim")

Ligação à rede eléctrica

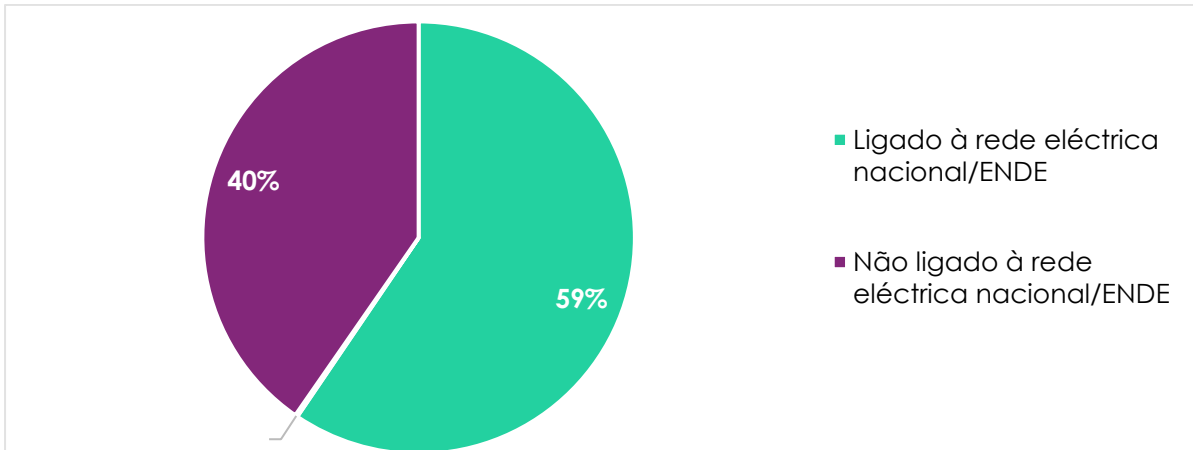
Viver numa zona com ligação à rede eléctrica não garante, evidentemente, o fornecimento de energia eléctrica. Os custos associados ao serviço da rede eléctrica – instalação eléctrica domiciliar e ligação à rede – podem apresentar-se como obstáculos intransponíveis para muitos cidadãos.

Quantos Angolanos estão efectivamente ligados à rede nacional?

¹ O Índice de Pobreza Viva (LPI) do Afrobarometer mede os níveis de privação material dos entrevistados, perguntando com que frequência eles ou suas famílias ficaram sem necessidades básicas (comida suficiente, água suficiente, assistência médica, combustível suficiente para cozinhar e renda em dinheiro) durante o ano anterior. Para saber mais sobre a pobreza viva, consulte Mattes & Patel (2022).

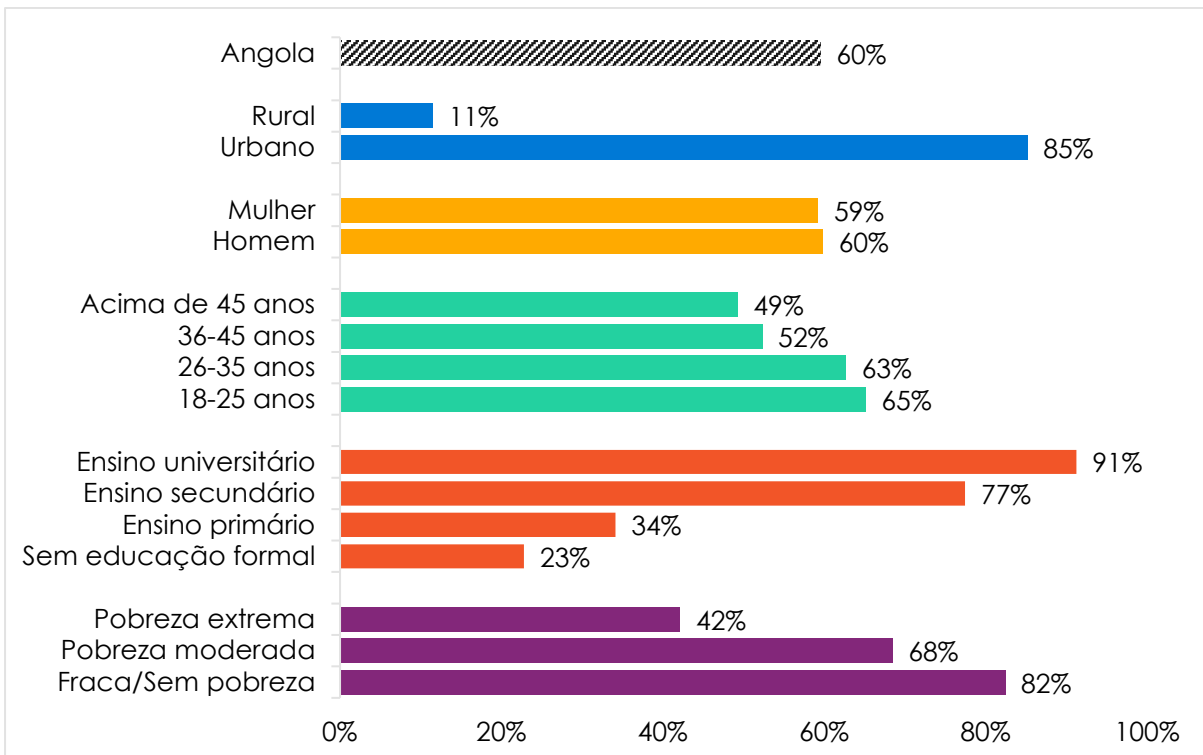
Cerca de seis em cada 10 cidadãos (59%) vivem em residências com ligação à rede eléctrica (Figura 3). Como seria de esperar, as áreas urbanas (85%) têm muito mais probabilidade de estar ligadas à rede eléctrica do que os residentes rurais (11%), assim como os economicamente abastados (82%) e os educados (77%-91%) em comparação aos pobres (42%) e aos menos educados (23%-34%) (Figura 4). Os cidadãos mais jovens também têm maior probabilidade de viver em residências com ligação à rede eléctrica (63%-65% dos 18-35 anos) do que os mais velhos (49%-52% dos 36 anos ou mais).

Figura 3: Ligação à rede eléctrica nacional | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Você tem uma ligação eléctrica em sua casa a partir da rede eléctrica nacional/ENDE?

Figura 4: Ligação à rede eléctrica nacional | por grupos demográficos | Angola | 2022



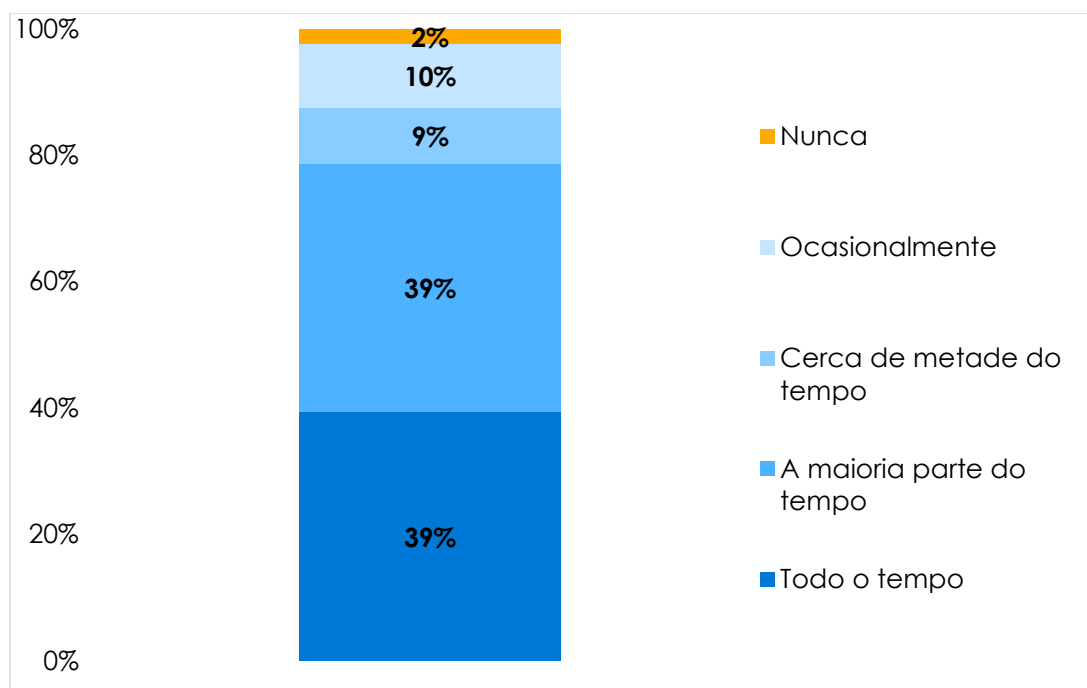
Pergunta aos respondentes: Você tem uma ligação eléctrica em sua casa a partir da rede eléctrica nacional/ENDE? (% "sim")

Fornecimento confiável de energia eléctrica

Mesmo que as casas estejam ligadas a rede eléctrica, o seu fornecimento regular e confiável pode ser muito baixo. Quantos Angolanos têm efectivamente energia eléctrica confiável?

Entre os cidadãos que referem estar ligados à rede eléctrica, mais de três quartos (78%) afirmam que a sua electricidade funciona “na maior parte do tempo” (39%) ou “o tempo todo” (39%) (Figura 5). Cerca de um quinto (21%) diz que a energia está disponível apenas “cerca de metade do tempo” ou menos.

Figura 5: Deve o governo partilhar informações com os cidadãos? | Angola
 | 2022



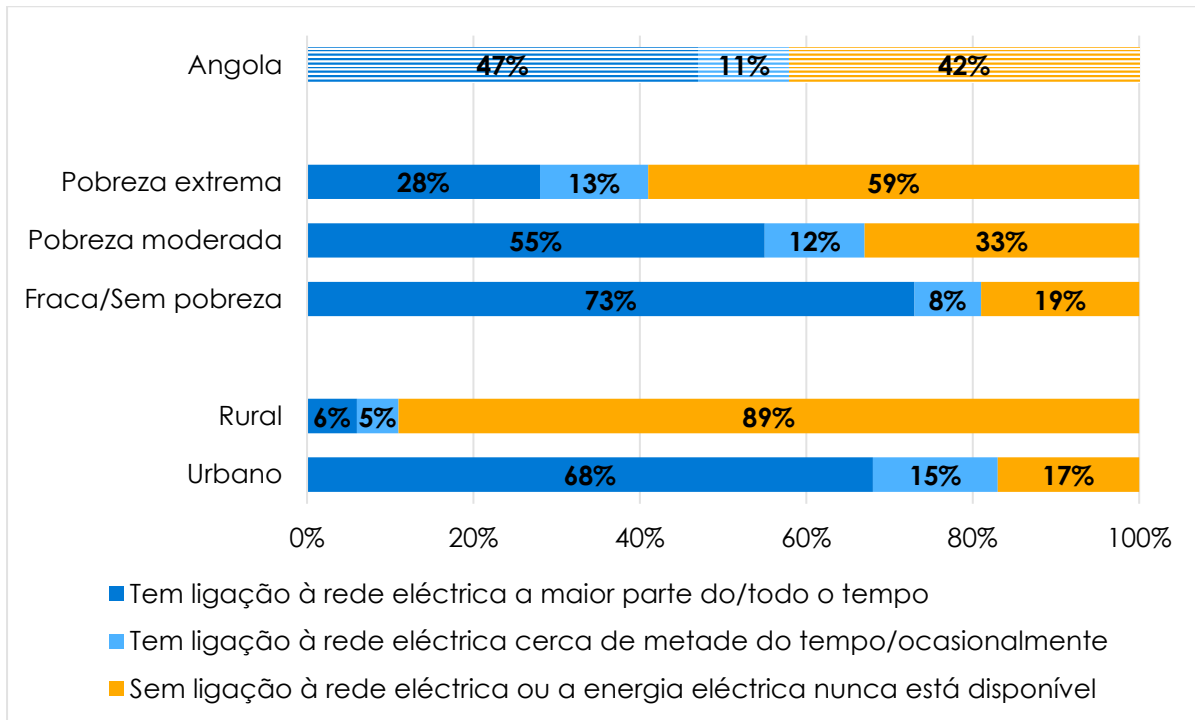
Respondentes que disseram possuir ligação à rede eléctrica foram questionados: Com que frequência a energia eléctrica está realmente disponível na rede eléctrica nacional? (Os respondentes sem ligação à rede eléctrica nacional estão excluídos.)

Embora estes números sugiram que as ligações existentes são bastante confiáveis, olhando para toda a população (em vez de apenas para aqueles que estão ligados à rede) mostra que menos de metade (47%) de todos os Angolanos relatam ter electricidade que funciona “a maior parte do” ou “todo o” tempo, com grandes diferenças por condição económica e localização urbano-rural (Figura 6).

Entre os entrevistados pobres, apenas 28% dizem ter electricidade confiável, em comparação com 73% dos que vivem em situação de fraca pobreza ou sem pobreza.

E nas áreas rurais, apenas cerca de um em cada 20 cidadãos (6%) desfruta de ligação eléctrica confiável, contra 68% dos residentes urbanos.

Figura 6: Quantos cidadãos possuem ligação eléctrica confiável? | por nível de pobreza e residência urbana-rural | Angola | 2022

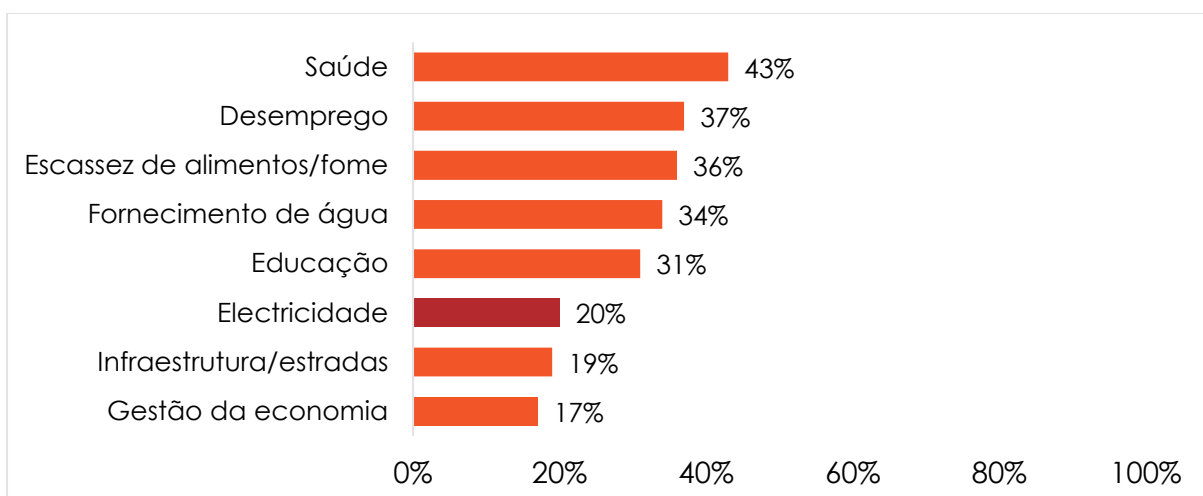


Perguntas aos respondentes: *Você tem uma ligação eléctrica em sua casa a partir da rede eléctrica nacional/ENDE? (Se "sim":) Com que frequência a energia eléctrica está realmente disponível na rede eléctrica nacional?*

Prioridades e desempenho do governo

O fornecimento de energia eléctrica ocupa o sexto lugar entre os problemas mais importantes que os Angolanos querem que o seu governo resolva (citado por 20% dos inquiridos como uma das suas três prioridades), bem atrás da saúde (43%), do desemprego (37%) e da escassez de alimentos/fome (36%) (Figura 7).

Figura 7: Os problemas mais importantes | Angola | 2022

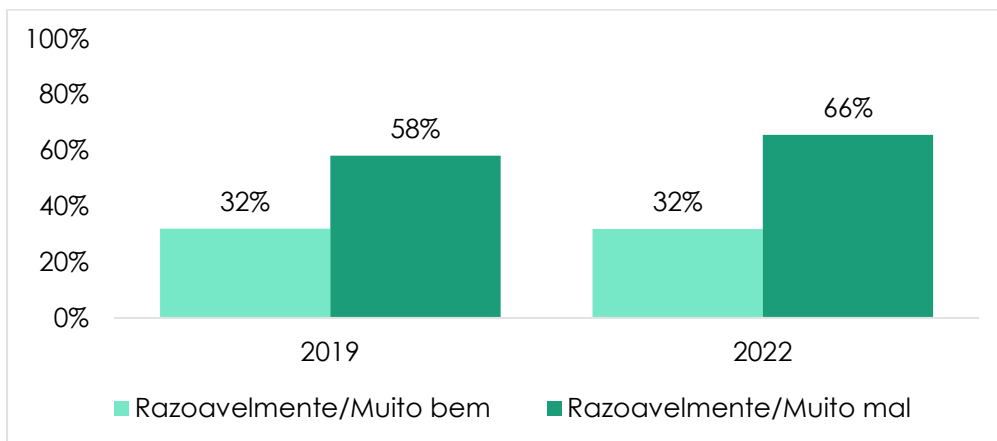


Pergunta aos respondentes: *Na sua opinião, quais são os problemas mais importantes que o nosso país enfrenta e que o governo deve resolver? (Três respostas por pessoas; a figura ilustra a percentagem de respondentes que citou cada problema como prioridade entre três possibilidades.)*

Dois terços (66%) dos Angolanos dizem que o governo tem um mau desempenho no fornecimento de energia eléctrica confiável, 8 por cento pior do que a última pesquisa do Afrobarometer em 2019. Cerca de um terço (32%) considera seu desempenho “razoável” ou “muito bom” (Figura 8).

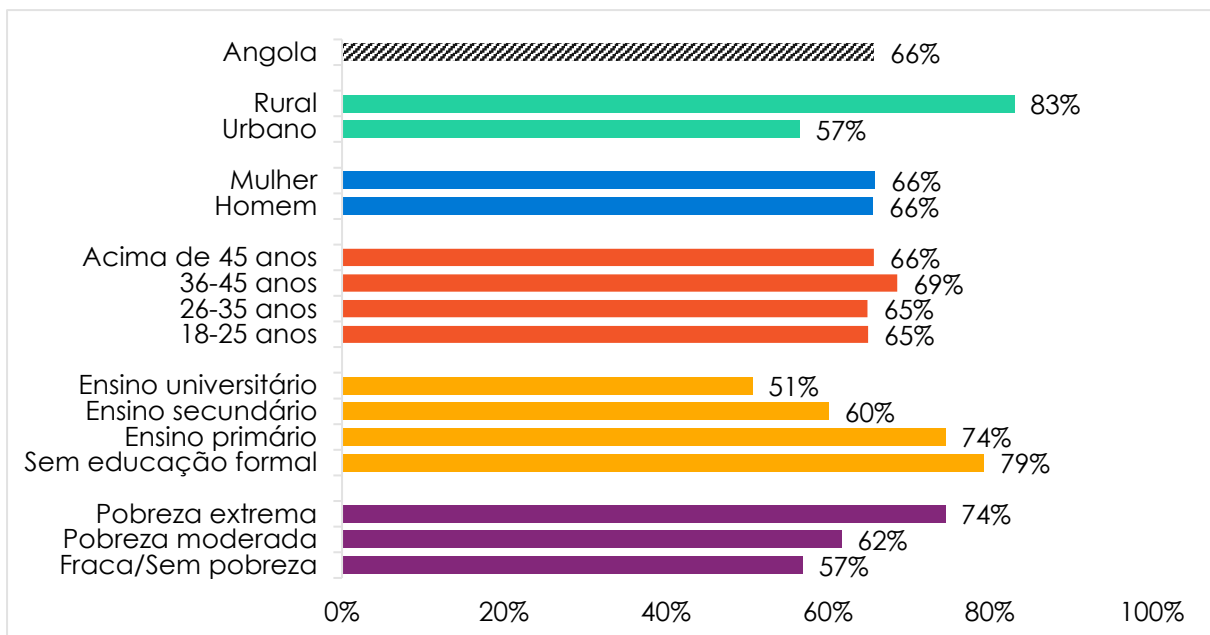
Os residentes rurais (83%) são mais propensos do que os urbanos (57%) a não aprovar os esforços do governo em relação ao fornecimento de energia eléctrica. As classificações negativas também são mais altas entre os cidadãos sem educação formal (79%) e os pobres (74%) do que entre os seus homólogos educados e em melhor situação (Figura 9).

Figura 8: Desempenho do governo no fornecimento de energia eléctrica confiável
 | Angola | 2019-2022



Pergunta aos respondentes: Até que ponto você acha que o actual governo está a lidar bem ou mal com as seguintes matérias, ou você não ouviu o suficiente para ter uma opinião: Fornecimento de energia eléctrica confiável?

Figura 9: Mau desempenho do governo no fornecimento de energia eléctrica confiável
 | por grupos demográficos | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Até que ponto você acha que o actual governo está a lidar bem ou mal com as seguintes matérias, ou você não ouviu o suficiente para ter uma opinião: Fornecimento de energia eléctrica confiável? (% que disse “razoavelmente/muito mal”)

Conclusão

Muitos Angolanos ainda carecem do acesso à rede eléctrica nacional, e menos de metade desfrutam de um fornecimento confiável de electricidade. Os residentes rurais e os pobres estão particularmente em desvantagem, e isso se reflecte nas suas avaliações negativas do desempenho do governo no fornecimento de energia eléctrica confiável.

Essas descobertas apontam para a necessidade de enfrentar os desafios das comunidades vulneráveis, acelerando o ritmo de ganhos no acesso à electricidade, mais urgentemente reduzindo a divisão urbano-rural.

Faça sua própria análise dos dados do Afrobarometer
– sobre qualquer questão, para qualquer país e ronda
de inquérito. É fácil e gratuito em
www.afrobarometer.org/online-data-analysis.

Referências

- Banco Mundial. (2020). Access to electricity (% of population) – Angola.
- Garrigou, A.-S. (2017). The impacts of bringing electricity to rural and vulnerable populations. Beam. 16 Novembro.
- Grivas, A. (2021). How do we power rural communities? By providing off-grid solutions. Stantec. 25 Outubro.
- International Trade Administration. (2022). Angola – country commercial guide.
- Mattes, R., & Patel, J. (2022). Lived poverty resurgent. Documento do Política n.º 84 do Afrobarometer.
- Nações Unidas. (2022). Overview of SDGs.
- Pugliese, S. (2022). Opportunities created by Angola’s energy transition. Capital Energy & Power. 12 de Maio.
- República de Angola. (2016). Angola energia 2025.
- Silva, N. (2021). Angola targets 60% electrification by 2025. Africanews. 24 de Fevereiro.

Asafika Mpako é coordenadora de comunicação do Afrobarometer para África Austral. Email: ampako@afrobarometer.org.

Carlos Pacatolo é o investigador principal da Ovilongwa – Estudos de Opinião Pública, parceira angolana do Afrobarometer, e do CESP-ISP Jean Piaget de Benguela. Email: pacatolo@yahoo.com.br.

A Afrobarometer, uma corporação sem fins lucrativos com sede no Gana, dirige uma rede de pesquisa pan-africana e não-partidária. Coordenação regional de parceiros nacionais em cerca de 35 países é fornecida por Center for Democratic Development (CDD) no Gana, Institute for Justice and Reconciliation (IJR) na África do Sul, e Institute for Development Studies (IDS) da University of Nairobi, no Quênia. A Michigan State University (MSU) e a University of Cape Town (UCT) prestam apoio técnico à rede.

O apoio financeiro para o Afrobarometer é fornecido pela Suécia (Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional; da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID); do Instituto da Paz dos Estados Unidos; das fundações Mo Ibrahim, Open Society - Africa, Bill & Melinda Gates, William and Flora Hewlett, e Mastercard; da União Europeia; do National Endowment for Democracy; da Agência Japonesa para Cooperação Internacional; da Universidade de California San Diego; do Global Center for Pluralism; do Banco Mundial; da Embaixada do Reino dos Países Baixos em Uganda; e do GIZ.

As doações ajudam o projeto Afrobarometer a dar voz aos cidadãos africanos. Por favor, considere fazer uma contribuição (em www.afrobarometer.org) ou contactar Felix Biga (felixbiga@afrobarometer.org) ou Runyararo Munetsi (runyararo@afrobarometer.org) para discutir o financiamento institucional.

Para mais informações, visite www.afrobarometer.org.



Afrobarometer Edição n.º 664 | 4 de Julho de 2023